



UM OLHAR FOUCAULTIANO SOBRE A (DES)CONSTRUÇÃO DO SUJEITO EM FERNANDO PESSOA

Prof^a Ma. Vanessa Pansani Vianaⁱ

RESUMO – Este estudo tece considerações sobre a formação do sujeito e do discurso pensados da perspectiva teórica de Foucault. Na primeira parte, trazemos uma breve introdução da teoria foucaultiana em direção à construção de nossos objetos de estudo, perpassando pela revisitação que o filósofo faz ao retomar a teoria do pensamento de Kant e, evidenciar, a partir daí, qual é a sua postura em relação à filosofia moderna. Abordamos, também, de modo sintético, o olhar foucaultiano sobre a psicanálise e a etnologia em direção à constituição do sujeito e do discurso. Na segunda parte, pelo prisma traçado por Foucault, analisamos o poema “Não sei quantas almas tenho”, de Fernando Pessoa, para demonstrarmos que, por meio da linguagem literária, notamos um jogo de (des)construção do ser indivíduo/ sujeito, revelada na (meta)linguagem, que é própria do campo do saber do discurso literário. Dessa forma, a análise do poema pelo olhar foucaultiano acerca do sujeito e construção do discurso, possibilita vislumbrar que a linguagem artística promove subsídios para uma melhor compreensão sobre a complexidade de tais objetos de estudo.

PALAVRAS-CHAVE – Foucault, sujeito, discurso.

ABSTRACT – This study deals with the formation of the subject and discourse thought of the theoretical perspective of Foucault. In the first part, we present a brief introduction of the Foucaultian theory towards the construction of our objects of study, through the revisions that the philosopher makes when he returns to Kant's theory of thought, and to show, from there, what is his stance in relation to modern philosophy. We also approach, in a synthetic way, the Foucaultian view on psychoanalysis and ethnology towards the constitution of the subject and the discourse. In the second part, by the prism traced by Foucault, we analyze the poem "Não sei quantas almas tenho", by Fernando Pessoa, to demonstrate that, through literary language, we notice a game of (un) construction of the be an individual revealed in (meta) language, which is proper to the knowledge field of literary discourse. Thus, the analysis of the poem by the Foucaultian view of the subject and the construction of the discourse, makes it possible to glimpse that the artistic language promotes subsidies for a better understanding of the complexity of such objects of study.



KEYWORDS – Foucault, subject, discourse.

Este texto traz um breve estudo sobre a concepção foucaultiana de sujeito e discurso. Nosso objetivo foi o de, por meio das leituras que fizemos sobre a teoria do filósofo, delimitar algumas apreciações que julgamos mais importantes para analisar esses objetos no poema *Não sei quantas almas tenho*, de Fernando Pessoa.

Dessa forma, na primeira seção há um breve recorte sobre alguns estudos de Foucault que abrangeram a sua concepção sobre a retomada do pensamento kantiano sobre a *Aufklärung* para pensar o sujeito moderno. Também adentramos, de forma sintética, no estudo da psicanálise e etnologia feita pelo filósofo para dar embasamento a sua produção sobre a constituição do discurso e sujeito.

Por fim, na última seção, analisamos o poema de Fernando Pessoa, pelo viés foucaultiano, que construímos ao longo do texto, fazendo apontamentos sobre como o discurso poético traça o jogo de construção do sujeito, que ora se diz autônomo, ora se diz assujeitado, evidenciando uma característica própria do campo do saber literário.

O discurso e o sujeito para Foucault

Em um ensaio intitulado “Pourquoi étudier le pouvoir”, Foucault afirma que não é o poder, mas sim o sujeito que constitui o tema geral de suas pesquisas.

[...] O fio condutor de seus trabalhos tomou forma diversas à medida que privilegia maneiras diferentes de abordar o mesmo problema. Quer pensando na objetivação do sujeito falante, produtivo e vivente, realizada por modos de investigação que procuravam obter um estatuto de ciência; quer estudando a objetivação do sujeito enquanto dividido no interior de si próprio e perante os outros, realizada pelo que chamará de práticas discordantes que fazem do sujeito um objeto passível de ser dividido, por exemplo, em louco e são, sadio e doente, criminoso e não criminoso. E, por fim, quer estudando as formas pelas quais um ser humano é transformado em sujeito, considerado educado para ser capaz de se reconhecer sujeito de algo, como sujeito de uma sexualidade, por exemplo, Foucault não se desvia do tema central que eleger para seus trabalhos: o sujeito. (FONSECA, 2011, p. 25-26).

Foucault, em **As palavras e as coisas**, no capítulo V, “Psicanálise e etnologia”, discute o papel da psicanálise na construção do conhecimento dentro das ciências humanas, o filósofo postula como tripé para a discussão dessa temática: a Morte, a Lei (Lei-Linguagem) e o Desejo. Para ele, esse tripé não se encontra como uma união no interior do saber que percorre o domínio empírico do homem, mas designa condições de possibilidades de todo o saber sobre o homem. No entanto, Foucault (1999, p. 402) alerta que:

Mas esta relação da psicanálise com o que torna possível todo saber em geral na ordem das ciências humanas tem ainda uma outra consequência. É que ela não pode desenvolver-se como puro



conhecimento especulativo ou teoria geral do homem.

O pensador francês aborda, a partir daí, a necessidade de se relacionar a psicanálise à etnologia para o maior aprofundamento do estudo sobre o saber humano, mas sempre advertindo que, até essa relação possui seus limites. Para a associação dos dois campos, ele estabelece o seguinte:

Mas a psicanálise se serve da relação singular da transferência para descobrir, nos confins exteriores da representação, o Desejo, a Lei, a Morte que desenham, no extremo da linguagem e da prática analíticas, as figuras concretas da finitude; já a etnologia aloja-se no interior da relação singular que a ratio ocidental estabelece com todas as outras culturas; e, a partir daí, ela traça o contorno das representações que os homens, numa civilização, se podem dar de si mesmos, de sua vida, de suas necessidades, das significações depositadas em sua linguagem; e ela vê surgir, por trás destas representações, as normas a partir das quais os homens cumprem as funções da vida, mas repelindo sua pressão imediata, as regras através das quais experimentam e mantêm suas necessidades, os sistemas sobre cujo fundo toda significação lhes é dada (FOUCAULT, 1999, p. 404).

Assim, por meio da citação, verificamos que a intenção do filósofo, ao relacionar a psicanálise à etnologia é a de demonstrar o jogo de forças entre a vontade interna do sujeito e o seu embate com as forças externas. Desse modo, o sujeito marca a sua posição volitivo-emocional, externada pela sua linguagem, guiado também pelo encontro com as representações traçadas

de sua civilização, em choque com outras culturas.

A questão fundamentada por Foucault não é fácil de ser discutida e o propósito de a abordarmos neste artigo não é o de fazermos uma explanação que se aprofunde na discussão da relação entre a psicanálise e a etnologia,¹ como também, em sua repercussão na grande área das ciências humanas, mas apenas abordarmos uma faceta desse pensamento do filósofo para acentuarmos a construção do sujeito.

Em qualquer análise da formação do sujeito, baseada em estudos foucaultianos, não há outro modo de se considerar, de fato, a singularidade dessa construção, sem pensar que o discurso está intrínseco à constituição do sujeito. Desse modo, a análise do discurso para Foucault deve ser feita por meio do reconhecimento das quebras, descontinuidades, lacunas e rupturas em contraposição à continuidade, desenvolvimento e evolução dos enunciados para a formação desse discurso.²

¹ Como o objetivo deste artigo não é o de traçar um panorama sobre a teoria foucaultiana, mas o de introduzir a ideia de discurso e sujeito para o autor, não poderíamos também deixar de lado, mesmo que trazida de forma breve a relação entre a psicanálise e etnologia para o filósofo. Principalmente porque, segundo Castro (2015, p. 87), a etnologia revisitada por Foucault abrange uma outra dimensão dos saberes para as ciências humanas, que é a de mostrar “as formas que pode tomar o devir histórico de uma cultura, a partir da descrição sincrônica de suas estruturas”.

² Texto baseado na leitura do capítulo 4 “Por que a insistência nas práticas (discursivas e não discursivas)”, p. 148, livro: *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. In: Oliveira (2013).



Para o autor, o sujeito é (trans)formado pela construção das ideologias que somente se formam no campo social, e elas são manifestadas pelo discurso; o filósofo explica que o indivíduo se transforma em sujeito pelos três eixos da ontologia (ser-saber, ser-poder e ser-si), esses dispositivos de disciplinaridade compõem “os modos de subjetivação do ser humano na nossa cultura” (GREGOLIM, 2004, p. 59).

Foucault se opõe à história do pensamento,³ no que tange ao que é explicado como discurso, como um conjunto de enunciados em que se tenta encontrar a intenção do sujeito falante (o que ele quis dizer). Para o autor, o discurso deve ser observado como:

A análise do campo discursivo [que] é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de entender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação, de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites de forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro

³ A história do pensamento para Foucault é explicada como uma tentativa de se reconstruir um sistema de pensamento a partir de um conjunto definido de discursos. Sem lidar apenas com a materialidade do texto, como uma tentativa de se descobrir o que está por trás dos enunciados, a intenção de seu sujeito (FOUCAULT, 1987, p. 31).

poderia ocupar (FOUCAULT, 1987, p. 31).⁴

O filósofo elucida que a singularidade do discurso deve ser estudada por meio de sua relação com as outras enunciações que o precedem ou o sucedem. Por isso, os enunciados que formam o discurso devem ser ressaltados em sua materialidade, isolando-os ao pensamento, para não cair na armadilha de relacioná-los “a operadores de síntese que sejam puramente psicológicos (a intenção do autor, a forma de seu espírito, o rigor de seu pensamento, os temas que o obcecaram, o projeto que atravessa a sua existência e lhe dá significação)” (FOUCAULT, 1987, p. 32).

Como para Foucault, o discurso se constrói pela força das relações sociais, a ideia da existência de um sujeito transcendental⁵ (preexistente) é descartada,

⁴ É importante esclarecer que, para Foucault o enunciado constitui o discurso. O discurso é estudado “(...) como “grupo individualizável de enunciados” ou como prática regulada que daria conta de um certo conjunto de enunciados”, vide em Oliveira (2013, p. 137). Completando a ideia trazida, para o próprio Foucault (1987, p. 90) o enunciado não é: “um elemento último, indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele; como um ponto sem superfície mas que pode ser demarcado em planos de repartição e em formas específicas de agrupamentos; como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte; como um átomo do discurso”.

⁵ A ideia de sujeito transcendental para Foucault é descartada via determinados questionamentos: “Como pode o homem ser essa vida cuja rede, cujas pulsações, cuja força encoberta transbordam indefinidamente a experiência que dela lhe é imediatamente dada? Como pode ele ser esse trabalho, cujas exigências e cujas leis se lhe impõem como um rigor estranho? Como pode ele ser o



pois, se o discurso é construído pelo embate de ideologias, o sujeito que o articula, o modifica e é modificado por ele. Desse modo, quando o autor estuda Kant, por intermédio de sua obra **O que são as luzes?** (1784), Foucault nos imerge no que julga ser uma questão muito importante; para ele, Kant estava abrindo perspectivas para uma forma inédita na filosofia: para o estudo do presente, da problematização da atualidade. O pensador, ao estudar o texto kantiano *Conflito das Faculdades* (1798), que pergunta sobre *Aufklärung*⁶ (o que é a Revolução?), chama atenção para o fato de que esse estudo deu origem a duas tradições críticas da filosofia moderna. Fonseca (2011, p. 71-72) aborda essa questão no capítulo *O indivíduo moderno*, explicando que uma dessas correntes, nascida após o século XIX, se apoiou na tradição, pois “propôs a questão das condições sob as quais um conhecimento verdadeiro é possível”, ela intitulava-se como analítica da verdade. A outra

sujeito de uma linguagem que, desde milênios, se formou sem ele, cujo sistema lhe escapa, cujo sentido dorme um sono quase invencível nas palavras que, por um instante, ele faz cintilar por seu discurso, e no interior da qual ele é, desde o início, obrigado a alojar sua fala e seu pensamento, como se estes nada mais fizessem senão animar por algum tempo um segmento nessa trama de possibilidades inumeráveis?” (FOUCAULT, 1987, p. 346).

⁶ Kant define a *Aufklärung* como uma saída. O esclarecimento “(...) é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado”. Por menoridade entende Kant a incapacidade do homem de “(...) fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo”. Ou seja, um estado de nossa vontade que nos faz aceitar a autoridade de algum outro para nos conduzir no domínio em que convém fazer uso da razão (TEMPLE, 2009, p. 226).

corrente nasceu a partir da reelaboração da questão sobre a *Aufklärung* e do sentido da Revolução, que estão centradas nas “interrogações sobre o campo atual das experiências possíveis, constituindo-se uma ontologia do presente”.

Foucault, então, alinha a sua filosofia à de pensadores que se inserem nessa segunda tradição filosófica, como Hegel, da Escola de Frankfurt, Nietzsche e Max Weber, e assim: “parte em busca de uma ontologia de nós mesmos”, para tentar entender o sujeito de seu tempo presente (FONSECA, 2011, p. 71). É por meio do estudo dessa atualidade que Foucault trabalha com a ideia de indivíduo moderno, questionando o que representava a *Aufklärung* para Kant, ele traça seu viés acerca dessa releitura:

Deste modo, a *Aufklärung* aparece reconstruída no pensamento foucaultiano como uma força singular do acontecimento que delineia em diferentes épocas e contexto um problema histórico da atualidade. Trata-se de retomar a questão do sujeito, do sujeito como indivíduo autônomo, enquanto um eixo da análise crítica, apontando para a dimensão da liberdade de um sujeito histórico, ou melhor, de um sujeito imerso nas relações de poder e saber (TEMPLE, 2009, p. 243).

Por conseguinte, a teoria foucaultiana se embasa na ideia de que o sujeito moderno não pode ser visto com um ser transcendental, autônomo, emissor de um conhecimento verdadeiro, que busca por meio da razão uma saída de seu “estado de menoridade”, conforme propunha a



corrente filosófica mais tradicional do século XIX, inspirada em Kant. Contudo, emite um olhar para esse dito indivíduo como um ser assujeitado, não autônomo, cego para a sua condição de emissor de discursos não próprios, mas constituídos nas relações de poder.

Como procura respostas sobre esse sujeito moderno, considerando que há nessa busca também um limite próprio da descontinuidade histórica promovida pela ruptura de sua escolha, o autor decide analisar os “[...] diferentes modos de subjetivação do ser humano dentro de nossa cultura” (DREYFUS; RABINOW, 1984, p. 297 *apud* FONSECA, 2011, p. 72).

Para tal pleito, Foucault investiga o discurso proferido pelo indivíduo que ele chama de sujeito moderno “constituído enquanto objeto de saber e resultado das relações de poder, marcado pela docilidade e utilidade que se justificam pelo processo estrutural externo que influenciam diretamente sua construção” (FONSECA, 2011, p. 72).

No livro **Vigiar e punir** (1988), o filósofo chega à conclusão de que o sujeito é delineado como produto de mecanismos disciplinares. O homem de seu tempo é normalizado pelos poderes disciplinadores do Estado, por meio das instituições, como prisões, escolas, hospitais etc. Foucault considera a formação do Estado também como produto da malha das relações de poder, pois o aparelho estatal apenas institucionaliza o que já havia nas relações sociais mais arcaicas. O ser humano, desde que começou a viver em sociedade, foi desenvolvendo tecnologias a serviço de

uma hierarquização, com a finalidade de melhor ordenar seu convívio com seus pares. Entretanto, ele enfatiza que, apesar de as malhas de poder serem vistas como algo natural na sociedade moderna, o abuso de poder consolidado por alguns sujeitos pode exceder a linha do habitual.

Quando o poderio foi solidificado pelo Estado em nome de uma sociedade mais justa e organizada, teve o início da chamada Era Moderna. Assim, as relações de poder desprendidas foram se descentralizando nas diversas instituições instauradas. Essa estratificação estatal, com o tempo, foi arraigando seu domínio de forma tão sutil na sociedade, que a execução de seus poderes⁷ foi incorporada como algo natural na vida das pessoas:

A operacionalidade das relações de forças é caracterizada muito mais pela produção que pela repressão. Pode-se mesmo dizer que a concepção que Foucault desenvolve de relações de poder se apoia no estudo de

⁷ Explicação de concepção de poder pra o autor: “Dispomos da afirmação que o poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação, como também da afirmação que o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força. (...) O poder é o que reprime a natureza, os indivíduos, os instintos, uma classe. Quando o discurso contemporâneo define repetidamente o poder como sendo repressivo, isto não é uma novidade. Hegel foi o primeiro a dizê-lo; depois, Freud e Reich também o disseram. Em todo caso, ser órgão de repressão é no vocabulário atual o qualificativo quase onírico do poder. Não será, então, que a análise do poder deveria ser essencialmente uma análise dos mecanismos de repressão?” (FOUCAULT, 2016, p. 99).



mecanismos produtores de ideias, palavras e ações (FONSECA, 2011, p. 36).

O exercício de poder para o filósofo está relacionado à ideia do proibir, restringir, reprimir e inibir, presente nos discursos. Em decorrência disso, os sujeitos que estão sob esse tipo de poder estatal quase sempre se submetem a ele sem perceber como as suas vidas são afetadas. Caso sintam-se proibidos, restringidos, reprimidos e precisem responder de alguma forma a essa dominação, são punidos e taxados como infratores. A resposta desses sujeitos pode ser manifestada de várias formas, uma delas e, talvez, a mais latente seja a produção discursiva.

O falar de si configura uma das características da constituição do discurso desse sujeito descrito pelo filósofo. Por isso, o discurso para Foucault “não é reduzir tudo a uma textualidade global essencializada, mas sim reafirmar o específico e o plural, o particular e o disperso” (HUTCHEON, 1991, p. 133). Ou seja, podemos deduzir que, para o pensamento foucaultiano, como o sujeito não é autônomo, o seu discurso também não será. Assim, com base nessa premissa, estabelecemos essa relação de assujeitamento com base na análise do eu-lírico de Fernando Pessoa, no poema *Não sei quantas almas tenho*, suscitada no tópico seguinte.

As “almas” em Fernando Pessoa: a (des)construção do sujeito

Não sei quantas almas tenho

Não sei quantas almas tenho.
Cada momento mudei.
Continuamente me estranho.
Nunca me vi nem acabei.
De tanto ser, só tenho alma.
Quem tem alma não tem calma.
Quem vê é só o que vê,
Quem sente não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,
Torno-me eles e não eu.
Cada meu sonho ou desejo
É do que nasce e não meu.
Sou minha própria paisagem;
Assisto à minha passagem,
Diverso, móbil e só,
Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo.
Como páginas, meu ser.
O que segue não prevendo,
O que passou a esquecer.
Noto à margem do que li
O que julguei que senti.
Releio e digo: “Fui eu?”.
Deus sabe, porque o escreveu.
(PESSOA, 1993, p. 48).

Deixando à margem as classificações e análises literárias feitas a respeito do heterônimo Álvaro de Campos, uma das mais conhecidas personalidades criadas pelo poeta Fernando Pessoa, vamos recortar apenas algumas passagens do poema *Não sei quantas almas tenho*, para abordar o fio de nosso pensamento, que é guiado pelo viés analítico sobre a concepção de sujeito/ discurso, concebida por Foucault.



Iniciando a nossa análise pelo próprio título do poema, podemos inferir que a palavra “alma” utilizada por Fernando Pessoa, como foco na construção de seu poema, pode ser evidenciada como sinônima como uma condição do ser (sujeito ou indivíduo)⁸. Defendemos esse ponto de vista, pois a palavra *almas*, além de estar destacada no título, sendo modificada pelo pronome adjetivado *quantas*, que aparece no plural, também demonstra que o eu-lírico, personificado pelo verbo (eu) *tenho*, não pode ser visto como uno, mas como plural. Essa reflexão é evidenciada pela palavra *alma* como destaque não apenas no título do poema, mas também em outros dois versos da primeira estrofe: na repetição do título: *Não sei quantas almas tenho*, presente no primeiro verso, depois, repetida mais duas vezes, no quinto verso da primeira estrofe: “De tanto ser, só tenho alma” e na sequência, encontrada no sexto verso: “Quem tem alma não tem calma”. Dessa forma, percebemos que esse destaque dado à palavra “alma”, não é aleatório, visto ele está associado nos três versos ao ser que profere o discurso, pelo uso do verbo *ter*, em ambos os três versos. Esse *ter alma* evoca, em um primeiro momento, o pensamento do leitor à imagem do eu-lírico, assim ela pode ser visualizada como

⁸ Achamos oportuno esclarecer que não usamos os termos *sujeito* e *indivíduo* como sinônimos, mas como palavras que evidenciam duas concepções distintas ao nosso olhar. Entretanto, utilizamos as duas palavras separadas por barra (/) para demarcar o jogo construído pelo eu-lírico, como uma manifestação da metalinguagem do discurso literário.

uma apresentação do indivíduo/ sujeito. Nas três ocorrências da palavra *alma* o que fica evidente é o caráter de um eu-lírico inquieto, em constante movimento, essa ênfase se nota pelas expressões que a acompanha, como *quantas, de tanto ser e não tem calma*.

A afirmação de que esse eu-lírico é representado pela palavra *alma*, pelo viés da estética da recepção, pode ser sustentada pela afirmação de Gomes (2009, p. 29):

Não importa saber se o texto é cria de um sujeito x ou y, ou quais atitudes assumiu esse sujeito na vida, na qualidade de sujeito empírico, ou no texto, como papel ficcional. Importa saber que regime de signos ele incorporou e qual a maneira de reagirmos a ele, no papel de leitores.

Podemos pensar também nas palavras da primeira estrofe para elucidar esse aspecto (indivíduo/ sujeito), que à primeira vista, parece ser simples: “Quem *vê* é só o que *vê* / Quem *sente* não é quem *é*” (sétimo e oitavo versos). A escolha dos verbos *ver* e *sentir* parece gerar uma contraposição, pois podemos inferir que o eu-lírico quer diferenciar dois aspectos sobre seu modo de viver. Ele, por qualquer motivo, pode viver sua vida apenas vendo (verbo *ver*), observando os fatos, ou seja, conduzindo suas vivências com superficialidade. Em contrapartida, quem *sente* (verbo *sentir*), experimenta, traz para si o sabor do mundo que o rodeia. Portanto, ele não é mais quem era, porque o sentir, o transforma.



Os versos nos projetam para duas dimensões paralelas acerca da construção do eu-lírico. Uma delas demonstra que, ao apenas observar os fatos, o eu seria apenas um indivíduo, como se as experiências que vivenciasse não o atravessassem e se mantivessem externadas a ele. A outra dimensão seria a de absorver de fato as vivências, neste caso, o eu-lírico seria projetado como um sujeito, pois ele absorveria as experiências e elas seriam internalizadas. Essa segunda dimensão, sobre a construção do eu como sujeito, é marcada pela absorção das experiências vivenciadas por ele, de modo que os saberes o assujeitam, já que ele foi constituído por um mecanismo de subjetivação; portanto, esse indivíduo não pode ser visto como mestre de si, conforme era estudado na Antiguidade Clássica,⁹ para a sua formação confluíram processos de objetivação e subjetivação, tais processos foram permeados pelas relações de poder.

Para Foucault, quando se trata da questão acerca da constituição do sujeito, não há como não elencar os jogos de poder que podem ser observáveis até mesmo nas relações capilares ou nos micropoderes, que são observáveis na

⁹ Argumento pautado na leitura do livro *Michel Foucault e a constituição do sujeito*, capítulo “A preocupação com o sujeito e o poder”, p. 30, a afirmação sobre o pensamento clássico acerca do sujeito advém de Foucault: “Não se fala em constituição de um sujeito na Antiguidade Clássica porque não houve naquele domínio um mecanismo de subjetivação. Esses processos justapostos aos processos de objetivação explicitam por completo a identidade do indivíduo moderno: objeto dócil-e útil e sujeito”.

produção de discursos, nos diversos campos do saber, que o filósofo descreve como prática discursiva, ou seja:

[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em dada época e para determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa. (OLIVEIRA, 2013, p. 141).

Destarte, uma experiência internalizada, que é constitutiva na formação do sujeito, como é analisada por Foucault, está inserida em um dado campo do saber, como é exemplificada na área da medicina em sua *Microfísica do poder*:

Clínica aqui significa a organização hospitalar como lugar de formação e transmissão de saber. Mas se vê também que, com a disciplinarização do espaço hospitalar que permite curar, como também registrar, formar e acumular saber, a medicina se dá como objeto de observação um imenso domínio, limitado de um lado, pelo indivíduo e, de outro pela população. (FOUCAULT, 2016, p. 188).

Esse jogo de internalizações e externalizações, representado pelo eu-lírico presente nos versos de Fernando Pessoa, faz-nos retornar ao poema, no qual temos duas suposições para o verso: “Quem vê é só o que vê”, uma delas seria a inserção da ideia de um ser limitado à apenas um processo de assujeitamento, sem se dar conta dele, um indivíduo convencido de que há pessoas no mundo que passam por diversas situações e não se modificam por



causa delas, por isso se consideram seres autônomos, pois não se reconhecem passíveis de um processo de sujeição. A segunda suposição seria a hipótese reforçada por uma relação eu-outrem, na qual esse indivíduo se reconhece como sujeito, pois pressupõe que o verbo ver seria uma sinédoque de perceber, demonstrando de forma obliterada que essa visão inclui automaticamente o atravessamento de experiências, por isso ele se assume como um ser assujeitado.

Quando chegamos à segunda estrofe, ao primeiro e segundo versos: “Atento ao que sou e vejo, / Torno-me eles e não eu” temos uma escolha interpretativa mais fechada quanto às opções que já discutimos. Sem utilizar nenhuma conjunção adversativa, como entretanto, todavia ou porém, o eu-lírico introduz o adjetivo atento no início do primeiro verso. Dessa forma, esse indivíduo/ sujeito está se situando como o centro da sua fala, ele diz que é atento a si e ao que vê. Então, ele estaria reforçando a ideia de um indivíduo autônomo, senhor de si, proposta em nossa primeira suposição ou de um sujeito, que se reconhece atravessado por vários discursos?

Ao confrontar o trecho “Torno-me eles e não eu” à suposição de um eu-lírico pensado anteriormente, como um ser autônomo, notamos uma mudança semântica no significado do verbo ver, flexionado na primeira pessoa vejo, que a partir do encadeamento com o verso citado, adquire em nossa análise, um evidenciamento maior e se relaciona à

nossa sugestão de um ser que se vê (se percebe) na construção com outrem.

Com tais construções e desconstruções do eu-lírico, acerca do ser (indivíduo/ sujeito) pela contraposição das ideias nos versos, o eu, em seu discurso poético, expressa que existem duas formas desse eu ser reconhecido no mundo, uma que denota a concepção de indivíduo, por se considerar autônomo e outra que o expressa como um ser que se percebe construído por um processo de sujeição, desse modo, pode ser reconhecido como sujeito.

À vista disso, reforçamos que, por meio da releitura e análise do verso já citado: “Torno-me eles e não eu” notamos um deslocamento do eu-lírico, quando o mesmo se transporta para o lugar de eles; dessa forma, o eu está salientando um processo de mudança, o que reforça a ideia da construção de um assujeitamento.

Fica evidente, assim, que há um jogo de ideias descritas pelo eu-lírico, que exemplifica um processo de construção e desconstrução contínua do ser (aquele que tem alma), ora como indivíduo, ora como sujeito, mas que no desfecho dessa (des)construção acaba se assumindo como um ser assujeitado. À vista desse argumento, dizemos que o eu-lírico é a materialização de um discurso de um campo do saber: o literário, uma vez que ele incorpora, enquanto poeta-personagem, em sua voz poética, o desejo de evidenciamento da construção do sujeito. O eu é o símbolo do discurso/ sujeito, que por meio do diálogo que instaura consigo e com os outros (leitores), sublinha que o



fazer literário lhe dá condições de se reconhecer como uma construção social.

Portanto, finalizando nossa reflexão, pela leitura da terceira estrofe, por meio dos versos seis e sete: “O que julguei que senti./ Releio e digo: Fui eu?”, reforça o desfecho de que o eu-lírico reconhece que se constrói socialmente, como parte de um processo histórico de assujeitamento, pois ele se estranha e não se reconhece ao olhar para si no passado, é um eu-outro.

Considerações finais

Partindo do pressuposto de que toda e qualquer análise é derivada de um olhar interpretativo sobre um dado objeto e, que todo olhar subjaz de um sujeito que foi constituído por, entre outros fatores, linguagem que é fragmentária, precisamos admitir, então, que nossa análise não foge a esse recorte metodológico. Portanto, por meio desse breve estudo, tentamos traçar a concepção foucaultiana sobre o sujeito e o discurso, lembrando que estes estão sempre atravessados pelos mecanismos de poder que se revelam nas relações mais capilares.

Dessa forma, a leitura e análise do poema *Não sei quantas almas tenho*, de Fernando Pessoa, forneceu subsídios singulares para repensarmos a condição de sujeito, que também aparece no discurso literário. Assim, traçamos pela voz do eu-lírico, um jogo formado pela (meta)linguagem poética, serpenteado pelo uso de palavras, que sugeriu uma (des)construção contínua do ser indivíduo/sujeito, evidenciando um discurso próprio da linguagem literária. Esse jogo não deixa de evidenciar as relações próprias de seu campo do saber, do qual:

[...] podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico; (...) um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso. (FOUCAULT, 1987, p. 220).





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTRO, E. **Introdução à Foucault**. Trad. Beatriz de Almeida Magalhães. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- FONSECA, M. A. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. 3.ed. São Paulo: EDUC, 2011.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- _____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. **Isto não é um cachimbo**. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- _____. **Microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- _____. **Vigiar e punir**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- GOMES, J. N. C. **Alma à janela: perfil intensivo de Álvaro de Campos**. 2009. 195 f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- REGOLIM, M. R. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: ClaraLuz, 2004.
- HUTCHEON, L. **Poética do Pós-Modernismo**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.
- OLIVEIRA, L. A. (Org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- PESSOA, F. **Novas Poesias Inéditas**. (Direção, recolha e notas de Maria do Rosário Marques Sabino e Adelaide Maria Monteiro Sereno.). 4 ed. Lisboa: Ática, 1993.
- TEMPLE, G. C. “*Aufklärung* e a crítica kantiana no pensamento de Foucault”, in **Cadernos de Ética e Filosofia Política**. 14/01/2009, p. 225-246. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/83328/86352>. Acesso em: 01 set. 2018.



ⁱ Vanessa Pansani Viana é professora na rede estadual de São Paulo, mestre em literatura e doutoranda pelo programa Literatura e Vida Social na Universidade Estadual Paulista – Unesp – *Campus* de Assis.